

REINSCRIÇÕES DA MEMÓRIA, DA VIOLÊNCIA E DA EXPERIÊNCIA EM INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

REINSCRIPTIONS OF MEMORY, VIOLENCE AND EXPERIENCE IN INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES, A BOOK BY CONCEIÇÃO EVARISTO

Bougleux Bonjardim da Silva CARMO¹

RESUMO: Este artigo analisa as intersecções entre narrativa e memória social nos contos que compõem a obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo, nomeadamente, Maria do Rosário, Mary Benedita, Lia Gabriel e Regina Anastácia. Argumenta-se que, a despeito da atrofia da experiência na narrativa a partir da modernidade, as vozes das mulheres evaristianas resgatam a dimensão experiencial dos afetos e vivências, porquanto imprimem, na materialidade da representação, os diferentes registros de memórias que, em última instância, marcam-se pelo caráter social das estruturas que as subjetivam. Com base em determinadas categorias da memória social, da teoria pós-colonial e da filosofia de Walter Benjamin, busca-se explicitar as estruturas sociais e as dimensões da violência que se marcam nos interstícios do realismo da autora, relativamente às formas de reinscrição da subjetividade social e de resistência da mulher negra. Tal processo se mostra, pois, na reconfiguração dos desejos e demandas do sujeito frente às fragmentações e opressões coletivas. Assim, para além de uma afromemória que se reconstrói, reflete-se em como a obra em estudo propõe um retorno ao intercâmbio com a experiência da dor e da condição de classe, a partir do realismo afetivo constitutivo da escriturística evaristiana.

PALAVRAS-CHAVE: Conceição Evaristo. Estética. Memória Social. Narrativa. Realismo afetivo.

ABSTRACT: This article analyzes the intersections between social memory and narrative in the short stories from *Insubmissas lágrimas de mulheres*, by the Brazilian fictionist Conceição Evaristo, specifically *Maria do Rosário*, *Mary Benedita*, *Lia Gabriel* and *Regina Anastácia*. Therefore, we discuss the atrophy of narrative experience, and how Evaristo's women recover the affections and experiences dimension in the narrative from Modernity. These protagonists show different records of memories, and the social structures subjectify them in the materiality of representation. From the social memory categories, Walter Benjamin's philosophy, and postcolonial studies we explain the social structures and dimensions of violence that correspond of the author's realism. This realism refers to the forms of re-inscription of social subjectivity and resistance of black women. This process shows itself, therefore, in the reconfiguration of desires and demands of a subject in the face of a collective fragmentation and oppression. Moreover, in addition to an afro memory that is reconstructed, it is reflected how Evaristo's work proposes a return to an interchange with the experience of pain and class condition, from the constitutive affective realism of the "escriturística" of Conceição Evaristo.

KEYWORDS: Affective realism. *Conceição Evaristo*. Esthetics. Narrative. Social memory.

1. Mestre em Letras - Proletras pela Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC. Doutorando no Programa Pós-Graduação em Estado e Sociedade - PPGES da Universidade Federal do Sul da Bahia. Docente de Língua Portuguesa do Colégio da Polícia Militar Anísio Teixeira. Membro do grupo de pesquisa CNPQ - Pesquisas Avançadas em Materialidades, Ambiências e Tecnologias. Especialista em Linguística Forense pela Universidade do Porto - PT. E-mail: bougleuxcpmatnre7@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-0791-2884>.

Introdução

Dentre as diversas razões para atentar-se à obra de Conceição Evaristo encontra-se, com efeito, na capacidade de sua escritura em esgarçar as fronteiras da narrativa e da forma criando zonas limítrofes ao estabelecer fluidez entre o ficcional e o real, como forma de recentralizar a mulher negra, enquanto signo social e historicamente dessubjetivado. Não se pode desconsiderar a sólida produção crítica e investigativa que encontra na literatura evaristiana representações e reinscrições de uma afromemória do feminino, até então, bastante obnubiladas e, por que não dizer, pontilhadas e descentralizadas nas narrativas hegemônicas.

Tal produção científica, em primeiro lugar, nota a reconstrução da memória e da ancestralidade afro-brasileira, de todo modo fragmentada pelas políticas de racialização colonial e esquecidas pela crítica canônica (FERREIRA, 2013; SILVA, 2013); em segundo, investiga a narrativa evaristiana no que se refere à identidade (XAVIER, 2018), na tensão dialógica entre diferença e alteridade ou tensão entre autor e personagens, “fazendo remissão às raízes africanas, a constituição identitária dos afrodescendentes no Brasil” (ROCHA, 2013, p. 06); em terceiro, encontra diferentes elementos presentes hodiernamente no palco das lutas, discussões e representatividades políticas e sociais, tais como o processo de assujeitamento e submissão cultural e social da mulher, violência de gênero atrelada à dominação masculina, seus paradoxos e identidades sexuais (CORDEIRO; BARBOSA, 2015; DIAS, 2015; LIEBIG, 2019; LOPES, 2017; OLIVA; PEREIRA, 2017; SOBRINHO, 2015).

É a partir desse arcabouço que o presente trabalho busca deter-se na zona limítrofe da tensão entre memória e narrativa. Com efeito, não é novidade o olhar sobre a obra de Conceição Evaristo na perspectiva da memória, sendo um aspecto já ratificado na literatura supracitada, porquanto a própria escritora opera consciente dessa relação, já que “se percebe um conjunto extenso de textos, em que o sujeito autoral se inscreve em uma postura coletiva, marcada pelo desejo, pela intenção de criar ‘universos de discursos’, ‘universos de significados’, inventados segundo a visão própria de um grupo” (EVARISTO, 2008, p. 02). Sendo assim, assumindo a questão da memória como elemento constitutivo de escritura evaristiana (EVARISTO, 2008; FERREIRA, 2013; SILVA, 2012), em que medida ou ponto se pretende tratar a memória nas narrativas para além da reconstrução de um passado entrecortado e despedaçado?

É em Ribeiro (2012, p. 01) que se encontra esse ponto, porém não aprofundado, a saber: “a mudez das pessoas e o declínio da capacidade de discorrer sobre suas preocupações e experiências elementares”. Ao discorrer, muito sucintamente, quanto à noção benjaminiana da atrofia e pobreza narrativa, isto é, da dificuldade do sujeito moderno em narrar suas experiências, em virtude dos traumas e da própria condição da Mo-

deriedade (BENJAMIN, 2013), Ribeiro (2012) apenas pontua, sustentada no pensador alemão, que a produção literária evaristiana, precisamente a obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* (EVARISTO, 2016), coloca-se como um espaço contemporâneo para “o surgimento de narrativas de experiência, mostrando que o desaparecimento destas é um processo que não se efetivou, ao menos não plenamente” (RIBEIRO, 2012, p. 02).

Destarte, na direção do aprofundamento dessa perspectiva, o presente artigo pretende analisar os contos presentes na obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* (EVARISTO, 2016) a partir de dois argumentos centrais: o primeiro, diz respeito à retomada da perspectiva benjaminiana da pobreza experiencial narrativa e da “experiência partilhável” (BENJAMIN, 2013, p. 86). Para tanto, objetiva-se aprofundar a visão de como a narrativa evaristiana resgata a dimensão da partilha como um elemento intrínseco ao conceito de *escrivivências* (EVARISTO, 2008; 2005). No entanto, não se pretende explicitar a natureza desse conceito, senão contrapor-se à condição moderna de atrofiação do papel do narrador (BENJAMIN, 2013; 1994). Diante disso, a categoria memória social (GONDAR, 2006; 2016; VIANA, 2006) é acionada, menos para indicar um conjunto de registros e identificações individuais e coletivas - marcas de identidade e representação social - e mais para indiciar os possíveis tipos de estruturas política, econômica e social que sobredeterminam a experiência narrativa e criam dispositivos de subjetivação e que se inscrevem no corpo e na história da mulher negra.

Concomitantemente, o segundo argumento tem relação com o tipo de realismo construído nas narrativas da obra em estudo, qual seja o *realismo afetivo*, entendido como “uma estranha combinação entre representação e não representação, por um lado, visível na retomada de uma herança de diferentes formas históricas” (SCHØLLHAMMER 2012, p. 129), uma vez que biografias, autobiografias, memórias literárias, por exemplo, buscam uma representação ou aproximação com a experiência comum do real e, “por outro, na atenção em relação à literatura em sua capacidade de intervir na realidade receptiva e de agenciar experiências perceptivas, afetivas e performáticas que se tornam reais” (SCHØLLHAMMER, 2012, p. 129-130). Nessa acepção, pretende-se defender que a narrativa evaristiana resgata o valor experiencial dado o afrouxamento das fronteiras entre ficção e realidade, haja vista o realismo afetivo vincular-se “à criação de efeitos sensíveis de realidade que, nas últimas décadas, alcançam extremos de concretude” (SCHØLLHAMMER, 2012, p. 145).

Em razão de tal definição e para dialogar com fragmentos da filosofia benjaminiana, no que se refere à relação entre narração, memória e experiência, conforme Achilles e Gondar (2016) e Benjamin (1994; 2013), são mobilizados determinados operadores teóricos oriundos dos estudos pós-coloniais para explicitar as estruturas emergentes e sobredeterminantes das narrativas, bem como estabelecer um di-

álogo com o fenômeno da memória social e nos modos de representação/apresentação dessas dimensões no realismo afetivo. Nesse contexto, consoante o objetivo central deste artigo, pretende-se qualificar, conforme Rancière (2009, p. 10-11), aqueles elementos que formam um inconsciente estético, na relação “do pensamento com o não-pensamento, de certa presença do pensamento na materialidade sensível, do involuntário no pensamento consciente e do sentido no insignificante”.

Para efeitos dessa qualificação, importa, especificamente, refletir nas diferentes inscrições da memória, pelas quais o indivíduo, em sua condição de ser social, registra traços mnêmicos em diferentes instâncias de si, traços constituídos e rearranjados na relação com o outro e “que seriam de tempos em tempos reordenados a partir de novas circunstâncias” (GONDAR, 2008, p. 04). Com isso, rompe-se a fronteira entre interioridade e exterioridade, pois as lembranças de vários indivíduos estão de alguma forma registradas na literatura afro-brasileira, expressão da memória social, como forma de reorganizar a territorialidade e o tempo, enquanto instâncias míticas e diaspóricas desse processo (EVARISTO, 2008).

Além disso, lança-se mão dos estudos pós-coloniais posto que as estruturas determinantes são, em grande medida, heranças coloniais e pelo fato de que uma leitura pós-colonial propicia encontrar as linhas de intersecção antes pontilhadas pela história ou narrativas oficiais e encontrar os sujeitos e signos que estão no *entrebugar* ou sem um lugar para si num complexo de indeterminismo discursivo (SPIVAK, 2010). Por consequência, assume-se a “convicção crescente de que a experiência afetiva da marginalidade social – como ela emerge em formas culturais não canônicas – transforma nossas estratégias críticas” (BHABHA, 2008, p. 240). Trata-se, pois, de um olhar detido sobre os efeitos do empreendimento colonial.

A obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* (EVARISTO, 2016) “reúne treze histórias de mulheres negras que sofrem os mais diversos tipos de violência e depreciação, mas que conseguem, de alguma forma, alcançar a superação e o empoderamento” (CORDEIRO; BARBOSA, 2015, p. 02). Todavia, sem pretender uma descrição exaustiva dos contos, discute-se a questão da *experiência*, do *desejo* e da *violência* enquanto vetores da discussão, nos quais as categorias de *raça*, *gênero* e *classe* emergem em diferentes inscrições mnêmicas, isto é, nas zonas fronteiriças do realismo afetivo, nas quais “o contingente e o limiar tornam-se os tempos e os espaços para a representação histórica dos sujeitos da diferença cultural” (BHABHA, 2008, p. 249). Para tanto, em virtude dos limites deste trabalho, toma-se como *corpus* quatro contos específicos da obra, quais sejam, *Maria do Rosário*, *Mary Benedita*, *Lia Gabriel* e *Regina Anastácia*, tendo em conta que a categoria *classe social* parece neles marcar-se com relativa proeminência.

1. Memória social e narrativa: um resgate da experiência individual e coletiva

É difícil precisar se alguma atividade humana escapa à memória, ao registro, à produção de identificações individuais e coletivas. O processo do lembrar-se é polissêmico, não sendo nem fenomenológica nem sociologicamente uma categoria circunscrita à interioridade psicologizante ou à exterioridade representacional, mas, ao contrário, constitui-se numa categoria transdisciplinar não unívoca (GONDAR, 2008; 2016), porquanto “é, simultaneamente, acúmulo e perda, arquivo e restos, lembrança e esquecimento. Sua única fixidez é a reconstrução permanente, o que faz com que as noções capazes de fornecer inteligibilidade a esse campo devam ser plásticas e móveis” (GONDAR, 2016, p. 19). Assim, ações, interações, eventos, afetos, rastros, reminiscências, enfim, toda experiência humana é, por conseguinte, uma experiência mnêmica.

Nessa ótica, em tudo há o rastro de memória e esquecimento numa permanente aporia, no bojo das relações humanas, em última instância, como relações de poder. Daí sua produção ser um ato político e ético, uma vez que é uma montagem, uma reconstrução coletiva no âmbito dos quadros sociais de toda experiência dos indivíduos em grupo e dos grupos. Por conseguinte, está envolta pelos conflitos de classes, pelos embates de interesses, sob dispositivos diversos de apagamentos sistemáticos, na concorrência de narrativas, em suma, a relação memória-esquecimento é também efeito da dimensão política e ética (GONDAR, 2016; VIANA, 2006).

Se desde Halbwachs (1990) a memória coletiva coloca-se como fato sociológico e categoria teórica para o entendimento das operações registro, identificação e representação, a memória social, como entendida hodiernamente, é palco de luta e disputa narrativa (VIANA, 2006), uma vez que é trabalho de reconstrução, ou seja, há um intenso trabalho inconsciente de (re) elaboração da memória, uma troca fluida e sugestiva que se efetiva na intersubjetividade (BOSI, 2004). Igualmente, “chama-nos a atenção com igual força a sucessão de etapas na memória que é toda dividida por marcos, pontos onde a significação da vida se concentra: mudança de casa ou de lugar, morte de parentes, formatura, casamento, empregos, festas” (BOSI, 2004, p. 415) e, sendo assim, a relação tempo e experiência é fundamental na reconstrução da memória.

Não é à toa que a função narrativa e do narrador seja a de manter vivas as experiências do humano, isto é, a buscar os seus rastros e intercambiar “experiência comunicável”, conforme Benjamin (1994, p. 198). Segundo o filósofo alemão, o enriquecimento da narrativa se dá, efetivamente, em razão do saber contar que tanto provém do aprendizado das tradições e imersão nas vivências e que, portanto, conhece seu grupo e seu país, quanto de quem viaja, transita. Daí “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores” (BENJAMIN, 1994, p. 198) e, por conseguinte, “a extensão do real do reino narrativo, em todo o seu alcance

histórico, só pode ser compreendida se levarmos em conta a interpenetração” dessas duas formas de narrar e de narrador (BENJAMIN, 1994, p. 199).

Esses pressupostos corroboram com a assunção da narrativa evaristiana como um alinhamento de rastros, exprimindo-se numa forma, chamada por Evaristo (2005) de *escrivivências*, categoria já muito trabalhada na crítica sobre sua obra (FERREIRA, 2013; ROCHA, 2013; SILVA, 2012) que se definiria como algo no lugar da autobiografia, mas que se pretende comprometida com a transformação social e a não-neutralidade, isto é, intenciona a denúncia, a explicitude, o que se pensa e as razões que movem autor, narrador e personagens (FERREIRA, 2013). Assim, consoante Ferreira (2013), tudo o que constitui a *escrivivência* provém dos detalhes, das ações e vivências cotidianas de Evaristo e tantas outras mulheres.

Endossando essa definição, trata-se de uma escritura que não pretende traçar fronteiras claras entre realidade e ficção, se pretende combativa e peculiar, uma vez que trata-se de uma zona limítrofe entre obra, realidade, representação e a *mimeses*, pois “algo intercala-se desta maneira entre a arte e a realidade, um envolvimento que atualiza a dimensão ética da experiência na medida que dissolve a fronteira entre a realidade exposta e a realidade envolvida esteticamente e traz para dentro do evento da obra a ação do sujeito” (SCHØLLHAMMER, 2012, p. 138).

Deslocando gradativamente esses postulados para os contos da obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* (EVARISTO, 2016), a própria autora sinaliza que inventa abertamente e desafia “alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido” (EVARISTO, 2016, p. 08) e, por essa razão, continua “no premeditado ato de traçar uma *escrivivência*” (EVARISTO, 2016, p. 08). Entre as invenções, autoficcionalização e discurso memorialista, “a *escrivivência* lhe permite falar de si indiretamente e sem se nomear, ou seja, está explícito o comprometimento, mas o pacto não é realizado” (FERREIRA, 2013, p. 49). Importa, a partir disso, deslindar quais experiências perpassam por essa quebra de pacto tomando as histórias de *Maria do Rosário*, *Mary Benedita*, *Lia Gabriel* e *Regina Anastácia*.

A primeira delas, *Maria do Rosário*, “é exemplar na exploração do caráter compartilhado e reconstrutor da memória” (SILVA, 2012, p. 284). Com efeito, “raptada em criança, removida de uma casa para outra, a personagem conserva a memória do dia em que foi roubada. Não é, porém, uma memória inalterada. A cena, que lhe aparece repetidamente, surge em várias versões, com ou sem detalhes, e por vezes modificada” (SILVA, 2012, p. 284). Na verdade, para além da reconstrução mnemônica, convém destacar a experiência do rapto. A criança vivia num contexto de agrupamento familiar muito pobre, com família numerosa, isto é, trata-se de um índice da condição social de vulnerabilidade, na qual ela e seus irmãos vivam numa situação de “disper-

são”: “nós estávamos a olhar o tempo vadio, sem nada para fazer, a não ser conversar os assuntos costumeiros” (EVARISTO, 2016, p. 45).

Em outros termos, o contexto de pobreza, exclusão e vulnerabilidade facilitaram a ocorrência do rapto e, sendo uma criança, Maria do Rosário não poderia ter a noção dos riscos que isso implicava. Isto é, por ser negra e pobre foi tomada e só tempos depois é que percebeu a gravidade da situação: “ia ser vendida como uma menina escrava” (EVARISTO, 2016, p. 46). Quanto ao rapto em si mesmo simbólico, porquanto “Maria do Rosário vê-se jogada no porão de um navio pelo casal que a havia roubado. Evidentemente, aqui convergem sua história pessoal e a história de seu povo, roubado de sua terra e trazido, em navios negreiros, da África para a América colonial” (SILVA, 2012, p. 284).

Eis, portanto, os rastros da memória coletiva na experiência individual, como pensado por Halbwachs (1990). Certamente, as poucas lembranças de que dispunha permitiu a Maria do Rosário reconstruí-las no devir de suas vivências “colando-as”, associando-as, redistribuindo-as com tantas outras imagens e ditos que cercam o imaginário popular. Sua vida era, pois, uma representação e uma imagem de uma história maior para as quais algumas de suas lembranças legitimavam alguma identificação – ser negra, ser tratada como objeto, ser levada à força, etc. são signos que remetem a uma ancestralidade, ainda que violenta, mas que dava algum significado à sua condição. De alguma forma, tudo isso se concretiza até o reencontro com sua irmã – um clímax feliz que subverte a história de tantas outras mulheres.

Além disso, passaria a viver um tipo de violência na indiferença por parte do casal que a raptou. Assim, destituída da afetividade desses, precisou criar estratégias subjetivas de memória, de contar a si mesma as histórias de seu povo e de marcar seu próprio tempo como forma de resistir à sua condição. A história de Maria do Rosário expressa, sub-repticiamente, um jogo de forças culturais e econômicas complexas, pois a situação de vulnerabilidade na qual já se encontrava perdura até a idade adulta. Por essa razão, tenta encontrar formas de reconstruir sua subjetividade no trabalho e nos estudos, ainda que marcada pela sensação de ser vítima e culpada, ao mesmo tempo, por seu infortúnio. Maria do Rosário precisa, então, manter um feixe de lembranças e identificações acesas em constante reconstrução, para não perder sua identidade com os afetos familiares. Com isso, “na experiência afetiva a obra de arte torna-se real com a potência de um evento que envolve o sujeito sensivelmente no desdobramento de sua realização no mundo” (SCHØLLHAMMER, 2012, p. 138). As estruturas de racialização são traumáticas e produzem silenciamentos, posto que revelam uma sociedade estratificada, na qual um tipo específico, a mulher, está mais sujeito às formas de submissão que ainda são ecos do colonialismo e do patriarcado (SPIVAK, 2010).

Sob essa ótica, se por um lado, a Modernidade atrofiou e pulverizou a capacidade narrativa como troca, esvaziando a possibilidade da alteridade, por outro, se

quer defender a ideia de que a estética de Conceição Evaristo, ao passo que realiza uma construção de afromemória, reinstala uma dinâmica narrativa que se materializa discursivamente. Por isso, o esvaziamento é substituído por um preenchimento que se dá pela alteridade, isto é, nem o narrador, nem as personagens, nem o leitor podem portar-se indiferentes frente à experiência narrada. Trazer o debate sobre o processo de construção de memórias sobre violência, em suas variadas formas de manifestação, implica, conforme Torres e Cavas (2017, p. 07), “passar por várias dimensões da subjetividade humana que atravessa o psicológico, o social, o cultural, o corporal, o relacional, o histórico, o coletivo, o político, refletindo sobre a complexidade e importância que têm os estudos das memórias sociais na atualidade”.

A vulnerabilidade social e a condição de pobreza são dimensões que também marcam o enredo da história de Mary Benedita como da própria narradora que “coleta” as histórias das insubmissas mulheres, quando diz: “experiente que sou da vida de poucos recursos, sei das diversas necessidades que nos assolam no dia a dia” (EVARISTO, 2016, p. 69). Mary Benedita relata sua história enquanto menina de origem pobre, de personalidade inquieta e curiosa que guardava o sonho de viajar pelo mundo ao quedar-se “durante horas inteiras, com um atlas nas mãos, imaginando percursos sobre infinitos caminhos” (EVARISTO, 2016, p. 71). Sonhos que se evadiam diante da condição de viver numa cidadezinha interiorana, ser de uma família pobre e numerosa, nas suas palavras: “mas como uma menina nascida em Manhãs Azuis, a sétima de dez filhos, no seio de uma família de pequenos lavradores, poderia ganhar o mundo, aprender línguas, pintar quadros e tocar piano?” (EVARISTO, 2016, p. 71).

Com efeito, o que se vê em seu questionamento existencial revela muito acerca das questões sociais e de classe, uma vez que tais dimensões, como deixa-se perceber em suas memórias, *a priori*, seriam determinantes no destino das pessoas. Nesse sentido, os desejos e sonhos de Mary Benedita não se coadunavam com as expectativas de sua condição de nascimento e vida, isto é, almejar elementos de uma cultura aparentemente inalcançável. Assim, sua estratégia de “adoecer” para ter contato com a capital foi a solução encontrada e o contato com a sua tia foi determinante para provocar uma ruptura nas expectativas. Com isso, depois de algumas peripécias, Mary Benedita passa a morar com sua tia Aurora e a usufruir das conquistas e oportunidades que a segunda proporcionaria à sobrinha. Por consequência, superaria certas estruturas que mormente não permitiriam concretizar seus sonhos e objetivos.

A partir disso, o que se quer depreender dessa narrativa, é que os sujeitos que subvertem tais estruturas sociais e institucionais pagam certos preços ao viverem em seus corpos e experiências – como no caso das protagonistas dessa história - a não aceitação, a solidão, o apartamento do seio familiar, a incompreensão, etc. Sofre com a violência, todavia “a violência simbólica nesse conto é extremamente sutil. Ela aparece nas

vezes em que a família da Mary, na melhor das intenções, tenta impedi-la de realizar seu sonho, por questões relacionadas a costumes patriarcais disseminados pela moral religiosa” (SOBRINHO, 2015, p. 83). De igual modo, o preço a pagar fica evidente quando a sobrinha percebe o choro da tia, que vivia sozinha e há muito tempo sem contato com a família: “como pintar a concretude da solidão de uma mulher? Como pintar a concretude da *soledad* humana?” (EVARISTO, 2016, p. 77). Mary Benedita quer captar essa condição e, de alguma maneira, o todo das experiências vividas pela menina-mulher a levará a pintar os sentidos que busca com o próprio sangue.

Diferente de Maria do Rosário e Mary Benedita, é a violência de gênero e a violência doméstica que contribuirão para selar o destino de Lia Gabriel numa experiência entre a subjugação do corpo e a estratificação social. Além disso, o problema da estratificação social se marca em sua história pelo abandono sofrido pelo ex-marido e a falta de condições de garantir tratamento para o filho esquizofrênico. É nessa dinâmica não linear de elementos sobrepostos, que essa protagonista precisará reinventar-se. Trata-se de uma personagem que, marcada em seu corpo pela violência, teme as condições do filho. A violência física sofrida pela mãe também marca a esquizofrenia do filho. Bourdieu (1998) e Sobrinho (2015) nos lembram que as estruturas de poder eternizam a violência de gênero pelo controle dos sistemas simbólicos e estabelecimento estruturas de poder. No caso em análise, essas estruturas se mostram numa cultura que, em geral, relativiza as ações violentas do homem, responsabiliza a mulher mesmo na condição de vítima e, muitas vezes, enxerga o diferente como ameaça.

A história de Lia Gabriel é a de centenas de mulheres negras brasileiras, que vivem mais de uma jornada de trabalho, obtém rendimentos menores que os homens nas mesmas funções e passam a serem as únicas responsáveis, na prática, pela criação dos filhos, em razão do abandono parental. Ter que assumir tantas diretrizes exige um alto investimento subjetivo e afetivo. É, pois, nesse campo que a relação narrativa e realidade se confunde e as fronteiras se tornam tênues, posto que “os afetos expressam as potências em geral, e é nas obras de arte e na literatura em particular que atuam na produção social e ganham poderes fisiológicos ontológicos e éticos” (SCHØLLHAMMER, 2012, p. 140). Daí a posição de desafio e desconstrução da mulher como signo indeterminado entre sujeito e objeto (SPIVAK, 2010).

É nesse aspecto ético que a narrativa evaristiana põe em relevo a memória social da mulher negra em suas diferentes representações e condições. Em certa medida, considerando o contexto de mudanças das Modernidade e da condição pós-colonial, a escritura evaristiana rompe com aquilo que Appiah (1997) chama de *universalismo weberiano*, isto é, “compreender nosso mundo é rejeitar a afirmação weberiana da racionalidade do que Weber chamou de racionalização, bem como sua projeção de ine-

vitabilidade dela; é ter, portanto, uma concepção radicalmente pós-weberiana da modernidade” (APPIAH, 1997, p. 203).

Sendo assim, trata-se de uma escritura que não se harmoniza com representações universais, relativas à mulher negra, representações essas construídas sobre a hierarquização dos seres humanos, pela qual as estruturas simbólicas são redes de dominação e distinção (BOURDIEU, 1998). Por conseguinte, as figuras de Lia Gabriel e das demais mulheres evaristianas insubmissas buscam resistir subjetivamente à monetarização e racionalização dos sujeitos modernos e é no campo da afetividade que reconfiguram as forças para manter a singularidade de suas existências. Esse processo vigora na condição pós-colonial de resgate do humanismo e, ao mesmo tempo, da contestação de narrativas hegemônicas e legitimadoras (APPIAH, 1997; SPIVAK, 2010), bem como de uma memória social construída sob processos de exclusão socioeconômica. Nesses termos, as representações sociais cristalizadas no cerne da cultura são, dessa maneira, instâncias que estão sob *rasura* (HALL, 2013).

Com efeito, a memória social é também uma instância sob *rasura*, pelo fato de que há uma tensão permanente entre o local e o global. Ao passo que as narrativas e mulheres evaristianas são construídas na singularidade, não se deixa de evidenciar a *doxa*, o lugar comum, dos sujeitos subalternizados e estratificados (SPIVAK, 2010). Assim, as abstrações multiculturais, diaspóricas e transnacionais produzem efeitos macro na estrutura colonial e pós-colonial que deixam seus rastros nos microuniversos da existência. O que Hall (2013) e Spivak (2010) mostram é a necessidade de uma leitura pós-colonial das relações de produção capitalistas em seus novos jogos e, ao mesmo tempo, instâncias de resistência.

Nesse contexto, a narrativa de Regina Anastácia, quarta e última figura em análise neste trabalho, mostra elementos que são índices dessas rasuras produzidas pelas tensões supramencionadas. O enredo, além da afromemória quilombola sinalizada por diferentes elementos que fazem remissão “aos tempos da escravatura” (EVARISTO, 2016, p. 129), marca-se ainda pelo contraste social de uma tradicional família branca latifundiária, detentora do poder político-econômico local com os negros livres e pobres. A história de amor e casamento inter-racial de Regina Anastácia com Jorge D’Antanho é construída sob a experiência de resistência e subversão dos diversos estereótipos que indiciam uma cultura calcada na inferiorização e objetificação, por exemplo, do corpo da mulher negra apenas como lugar da experiência de iniciação sexual masculina, ou seja, de utilizar-se do corpo das mulheres negras para “se fazer homens” (EVARISTO, 2016, p. 129).

Por tal realidade, a questão do amor entre Jorge e Regina coloca em relevo a diferenciação de classe e raça numa junção, até então, inaceitável. Ambos protagonistas sofrem as consequências de sua união amorosa: ele é deserdado da fortuna da família e ela sofre com o preconceito naturalizado, além de sua família passar por

algumas retaliações por parte dos D'Antanho no campo econômico, já que todos os familiares de Regina “trabalhavam direta ou indiretamente para os D'Antanhos” (EVARISTO, 2016, p. 131).

O que chama atenção nessa narrativa são os meios encontrados para sobreviverem ao poderio da família de Jorge. Nesse contexto, mostram-se as diferentes tensões das mudanças econômicas, das novas dinâmicas comerciais e alterações nas relações de poder no contexto geral do momento histórico pós-colonial. Considerando que “os Antanhos eram donos de tudo e se consideravam donos das pessoas também” (EVARISTO, 2016, p. 130), os amantes precisaram ultrapassar diferentes linhas proibitivas, bem como suplantar o controle patriarcal que se efetiva em diferentes níveis. Em suma, tornaram-se sujeitos da própria história a despeito do arraigamento das estruturas de poder econômico, cultural, racial e subjetivo, atreladas a uma intrincada economia simbólica (BOURDIEU, 1998).

Há um esforço, um desejo de contar que permite desvelar, por meio dos relatos, quais estruturas de opressão são o pano de fundo da experiência e nesse jogo de memória da experiência e de experiência da memória, a escritora articula possibilidades de se perceber a mulher negra em sua pluralidade para longe de um discurso redutor da condição de objeto criado pelo discurso colonialista. Na verdade, “quando estudamos sobre memórias sociais de mulheres, estamos mexendo em arquivos de um sistema e de uma lógica colonial e patriarcal, que construiu um esquema de submissão do feminino diante do masculino” (TORRES; CAVAS, 2017, p. 07). Daí, pois, uma crítica da memória e da violência é sempre um ato político de enfrentamento das estruturas coloniais que subjetivam tantos tipos sociais.

Ademais, o tipo de realismo pretendido coaduna-se com a uma estética que busca atingir “as fronteiras entre a realidade e a representação, e também entre o sujeito autoral e as subjetividades envolvidas na realização da obra” (SCHØLLHAMMER, 2012, p. 138). Nesse *entrelugar*, a enunciação da escrivência permite a reumanização, de forma que os elementos antes objetificados “possam ser transformados em sujeitos de sua história e experiência” (BHABHA, 1998, p. 248).

2. Estética da memória, da violência e dos afetos

A preocupação nesta seção é discutir alguns outros diferentes modos de incursão da memória como dupla inscrição - no discurso e nos corpos - em diferentes traços mnêmicos, mote para resignificação e resistência das mulheres negras. De forma inconsciente, as mulheres evaristianas produzem rupturas num discurso performático e ao mesmo tempo sub-reptício, para tomar a acepção de Rancière (2009, p. 35) quanto ao estatuto da palavra literária, como palavra muda. Nessa perspectiva, “a escrita muda,

num primeiro sentido, é a palavra que as coisas mudas carregam elas mesmas. É a potência de significação inscrita em seus corpos”. Sendo assim, são subvertidas as expectativas depositadas sobre os subalternos, sobre a mulher negra, que seria um lugar de degenerescência. Basta pensar nas diferentes *epistemes* que tomaram isso como discurso, a exemplo de Nina Rodrigues (2008, p. 1155) quando diz que “a tendência à degenerescência é, ao contrário, tão acentuada aqui quanto poderia ser num povo decadente e esgotado”. André (2008) lembra como se estruturou todo um aparato político, social, econômico e científico que reduziu a pessoa negra à condição de natureza degenerada em meio às representações negativamente construídas: preto, pobre e perigoso.

Vale notar que Benjamin (2013) e Bhabha (2008) rechaçam quaisquer tipos de essencialismos devotados a estabelecer relações apriorísticas entre caráter e destino. Assim mesmo, discutir a relação entre destino e caráter das personagens, a partir de Benjamin (2013), é postular a ideia de que não há causalidade entre essas duas categorias e, dessa forma, não se pode conceber puerilmente que as personagens estejam polarizadas numa condição de personalidade fixa. Ao contrário, convém aceitar a premissa de que são ambivalentes e estão à deriva da emergência de seus desejos e de um inconsciente cultural calcado na aporia e na contiguidade de um signo psíquico (BHABHA, 2008). Logo, tais valorações e polarizações da personalidade não podem ser estanques, pois são fluídas e estão à deriva do próprio devir existencial, já que é próprio da condição humana a mudança.

Assim, as mulheres insubmissas resistem à condição desistoricizada daqueles “outros” escolhidos para serem marginalizados (BHABHA, 2008; SPIVAK, 2010). Seguindo as pistas dos teóricos pós-coloniais, vê-se que a narrativa evaristianiana pretende devolver ao signo mulher sua historicidade, colocá-la como signo de agência e, por conseguinte, transformar a narrativa, a partir da experiência, num ato de memória. Essa narrativa, em sua forma, só pode realizar o que Adorno (1970) postula como *conflitos pulsionais*, intrinsecamente interessada e como condição de antítese social. Por esse motivo, o subjetivo e o coletivo estão intimamente ligados, uma vez que “toda a idiossincrasia, em virtude do seu momento mimético pré-individual, vive das forças coletivas, de que ela própria é inconsciente” (ADORNO, 1970, p. 56).

Diante disso, as cesuras e ambivalências do real hão de marcar-se na obra, razão de sua violência como forma de propiciar a tomada de consciência do abjeto, do excluído. Por esse motivo, a obra é um ato de libertação, consoante Ginzburg (2012), no momento em que dá condições ao que se mostra difuso e flutuante emergir à consciência sem apelar para a racionalização (ADORNO, 1970). As mulheres evaristianas estão imersas num jogo de forças políticas, históricas, culturais e sociais determinantes e antagonicas nem sempre resolvidas na obra, mas estão latentes na forma e na escritura (ADORNO, 1970).

Todavia, retomando a relação entre destino e caráter, convém argumentar que as diferentes mulheres negras narradas na obra evaristiana subvertem, como quer Benjamin (2013), a associação entre essas categorias e, assim, as narrativas mostram como ambas são mutáveis e não determinantes, aproximando-se da condição de vir a ser e afastando-se da perspectiva essencialista. Sendo assim, essas mulheres não são elas mesmas, mas estão numa permanente construção de uma narrativa de si, produzindo suas próprias “suturas”, por meio da *différance*, conforme Hall (2000) e, por consequência, estabelecendo performativamente suas próprias fronteiras de identificação e identidade (HALL, 2000). Diante disso, não é possível determinar o destino dessas mulheres pelos sinais de caráter que exprimem na narrativa, mas observar o devir de suas escolhas que, em última análise, pode conduzir a diferentes destinos.

O que se horizontaliza na obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* (EVARISTO, 2016) equipara-se a um projeto de reconstrução de subjetividade negras e afro-brasileiras, algo próximo do que André (2008) entende como suplantar a condição de invisibilização, branqueamento, racismo e marginalização da pessoa negra, posto que “representações e estereótipos permaneceram para referenciar o que era (é) ser negro: a inferioridade mental, moral ou social do negro em relação ao branco” (ANDRÉ, 2008, p. 153).

Contudo, a forma narrativa encontra-se na ambivalência flutuante do signo, pois ao passo que as narrativas encontram no plano afetivo a ligação de verossimilhança com a experiência, isto é, “o afeto é, assim, a transformação sensível produzida em reação à certa situação, coisa ou evento” (SCHØLLHAMMER, 2012, p. 139), ela – a forma – não pode dar conta do todo o real. A palavra muda que condiciona o discurso do simbólico, na simbiose da *escrivivência* enquanto projeto narrativo, escapa em muitos ângulos na captura do real. Em outras palavras, do real que escapa à captura do simbólico na linguagem (LACAN, 2005).

Sendo assim, se “o inconsciente só pode existir na relação com o outro: ele se localiza num espaço topológico, onde não distinguimos mais o fora e o dentro; ele é relacional por excelência, não podendo ser considerado como posse de um sujeito” (GONDAR, 2008, p. 05), então, por conseguinte, a palavra muda da narrativa evaristiana tenta traduzir as experiências que estão na dispersão dos coletivos sem história (BHABHA, 2008). Na esteira desses pressupostos, claramente adotando um olhar psicanalítico em relação às personagens e de suas experiências, observa-se em cada história uma tentativa, ora bem-sucedida, ora nem tanto, de uma *reinscrição* das memórias e, por isso, de uma ressignificação das dores para um outro registro, marcado pela resistência, pela aceitação, por uma tentativa de compreensão de si, em última análise, um registro de autoconhecimento. Em todo caso, ao colocar suas histórias no jogo narrativo, as protagonistas em estudo estão a ressignificar a cadeia de significantes que inscrevem seus desejos, suas fantasias e simbolização da expe-

riência, como pode-se inferir a partir dos pressupostos lacanianos da relação entre fala, experiência e desejo (LACAN, 2005).

Na prática, há um choque de pulsões no interior das personagens em confronto com as pulsões coletivas, marcadas nos obstáculos experienciados. Urge refletir o fato de que essa economia das pulsões do sujeito frente ao coletivo aponta para o que Rancière (2009) entende como a emergência do *pathos*, como um estado bruto dos sentidos da vida, isto é, a resistência é uma resignificação dos próprios desejos frente às imposições e opressões coletivas. Assim, a fantasia ajuda a traduzir as memórias desde o corpo, alimentando o sujeito desejante, pois a relação estabelecida é um campo de forças inconscientes e, portanto, intersubjetivas (LACAN, 2005). Convém, portanto, observar como as mulheres “reconsturam” suas histórias/narrativas devolvendo-lhes um senso de univocidade e solidez ao próprio ego, antes esgarçado para, a partir disso, trazer-lhe discernibilidade e reconhecimento (RANCIÈRE, 2009).

Assim, importa observar nas experiências vividas pelas mulheres insubmissas a reconstrução das representações de si mesmas, a partir das rotas discursivas e experienciais que as impulsionam, pois “é precisamente porque as identidades são construídas dentre e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas” (HALL, 2000, p. 109). O autor sublinha a importância de não se dotar as identidades a partir de totalidades, “isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna. (HALL, 2000, p. 109). Porém, no sentido de que “emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituídas, de uma ‘identidade’ em seu significado tradicional” (HALL, 2000, p. 109).

Diante desse pressupostos, pode-se dizer que as mulheres insubmissas estão, cada uma a seu modo e condição, imersas em contextos institucionais abstratamente perceptíveis, mas que solidamente agem sobre seus corpos, escolhas e modos de ser. Assim, ao reinventarem-se como sujeitos, recriam um outro tipo de subjetividade social (BHABHA, 1998). Nesses termos, as mulheres evaristianas rompem com a ordem do simbólico no momento em que tomam consciência ou sentem um estranhamento no decurso da experiência. Esse rompimento com o simbólico é oriundo da desalienação do próprio imaginário e do imaginário social que delega ao sujeito prender-se a uma fala amordaçada que, por vezes, impede a retomada da busca pelo sentido da própria existência, configurando-se sintomaticamente (LACAN, 2005).

Consoante o pensamento benjaminiano, os sujeitos constroem sua história de forma não-linear, compondo uma espécie de mosaico pela costura de diferentes fragmentos de memória de sua experiência. Essas experiências constituem as forças que es-

timulam o ser no mundo e “se alguma ‘força estimuladora’ nos afeta, reviramos nossa coleção de fragmentos e, a partir disso, construímos uma disposição (uma organização, um mosaico) do que desejamos revelar” (ACHILLES; GONDAR, 2016, p. 182). Esse processo vai, então, se revelar e se organizar nas nuances de memória e da narrativa, uma vez que “essa disposição só é possível a partir do momento em que dispomos a contar, recontar... ou melhor, a relembrar para percorrer novas sutilezas de uma mesma memória” (ACHILLES, GONDAR, 2016, p. 183).

O princípio da insubmissão localiza-se nesses pontos de estranhamento que rompem a linearidade do sujeito. Esse elementos as colocam numa posição limite, não podem conformar-se com o que as move. Isso não quer dizer que o devir seja positivo, isto é, aceitar *a priori* que o estranhamento conduza a um destino feliz, senão, ao menos, a uma mobilidade que as tira de determinada posição. Talvez seja esse o sentido de pensar o sujeito pós-colonial como estando no limite, no *entrelugar*, ou seja, muitas vezes fora da sentença, fora do espaço enunciativo socialmente determinado e institucionalizado (BHABHA, 1998).

Se pelos limites da escriturística evaristiana as subversões não estejam diretamente atreladas ao real, mas vigora transitar na fluidez da possibilidade, é na forma narrativa que a dissidência opera violentamente, isto é, traduz-se numa estética da violência. Isso quer dizer que essa narrativa fluida e ambígua - no sentido de um realismo afetivo que põe em interface vivências, memórias, recriações, funcionalizações sem que seja possível traçar às claras as fronteiras - vigora, enquanto hipótese, constituir-se num antagonismo formal, conforme postula Ginzburg (2012), a partir da estética adorniana e benjaminiana.

Para além da tematização da violência, como é o caso da violência de gênero na narrativa evaristiana (LOPES, 2017), importa assinalar a relação entre forma e tema. Sob esse prisma, a narrativa configura-se numa forma limite, fragmentada – a depender do ponto de vista do que se entende por fragmentação. Dessa forma, Evaristo nos mostra a trivialização e objetificação da condição de subjetividade da mulher negra em diferentes níveis. Trata-se de um elemento observável enquanto fragmentos nos diferentes enredos da obra que permitem observar a história sem totalizações ou necessidade de coerência (BENJAMIN, 1993; GINZBURG, 2012).

O retorno à experiência pela narrativa é intimamente vinculado ao registro sócio-mnemônico, quer dizer, é um registro da experiência vivida que se resignifica no intercâmbio. Como diz Torres e Cavas (2017, p. 02), “uma tentativa de entender as memórias construídas em torno do fenômeno da violência onde o feminino terminou sendo durante muitos anos, até nossos dias, o mais afetado”. Nessa direção, a narrativa literária também é testemunho, uma presença histórica nela imanente (ADORNO, 1970) e, sendo assim, um registro de um tempo interior. Como diz Ginz-

burg (2012), os impasses da conjuntura social, política, econômica e cultural se marcam nos temas que ficcionaliza, na forma que rompe com as normas e expectativas e na relação entre tema e forma.

Importa argumentar que a obra em estudo é, em si mesma, memória social com base na acepção estéticas de Adorno (1970), ao afirmar que há um vínculo entre a experiência e a objetivação nas obras e esse processo é coletivo, já que “a linguagem das obras artísticas é, como qualquer outra, constituída por uma corrente coletiva subterrânea [...] a sua substância coletiva exprime-se a partir do seu próprio caráter simbólico” (ADORNO, 1970, p. 104). As mulheres insubmissas nos contos evaristianos são o substrato simbólico e social, filtrado e mediatizado por uma forma de enunciação, por sua vez, peculiar de quem enuncia, porquanto “a experiência subjetiva produz imagens que não são imagens de alguma coisa, mas justamente imagens de natureza coletiva; é assim e não de outro modo que a arte é mediatizada para a experiência” (ADORNO, 1970, p. 104).

Considerações Finais

A noção de escriturabilidade de Conceição Evaristo é indissociável, portanto, do tipo de realismo construído - afetivo - e no jogo fluido entre ficção e realidade. Essa fluidez se dá pela partilha da experiência que, em última instância, é ou possui rastro mnemônico, por sua vez, sempre social. A experiência individual ou coletiva envolve-se no palco das disputas de narrativas, do agonismo político e na ruptura de enunciações hegemônicas. Razão pela qual a condição afrofeminina é reinscrita no registro da insubmissão, posto a autora advogar uma outra condição de “re-presentação” da subjetividade da pessoa negra.

Consequentemente, Maria do Rosário, Mary Benedita, Lia Gabriel e Regina Anastácia são expressões de uma subjetividade social a desconstruir o legado do discurso e da memória colonial. Não é à toa que o diálogo entre a filosofia benjaminiana e a teoria pós-colonial façam interface na crítica da condição moderna de empobrecimento da experiência, de sua produção de violência e pobreza. Nessa direção, os retalhos de fantasia, desejos, pulsões, vivências e afetos vão compondo uma “colcha de retalhos”, reconfigurando identidades que exprimem traços de determinada ancestralidade, porém num contexto contemporâneo, reinventando o modo de ser negro, o modo de ser mulher negra.

A crítica pós-colonial dá condição de pensar nas representações culturais das mulheres, agora como sujeitos que encontram um lugar no espaço enunciativo pelo qual podem reconfigurar o estatuto da significação e institucionalização de sua condição. Isto é, a narrativa evaristiana realoca as mulheres “escrividas” como índices de

um lugar institucionalizado da mulher negra num dado momento histórico, desfazendo o que a subalternidade spivakiana chama de lugar de “desaparecimento”, um lugar em que o *status* sujeito-objeto se entrelaça.

Por tais motivos, elas estão abertas às identificações socioculturais, pois infringem os binarismos convencionalizados, destroçam certas expectativas de resolução e se reinventam, sendo expressões de diferentes formas de subjetividade social culturalmente enunciadas, como postula a teoria pós-colonial. Tudo isso mostra que a reinstauração da experiência tem sua força na forma narrativa, no entrecruzamento da memória social que se denuncia e desvela no conjunto das vivências das personagens. Tudo isso enfraquece as políticas de esquecimento e domesticação dos corpos. As mulheres evaristianas são sujeitos que não aceitam essa domesticação das estruturas e enunciações determinantes que atravessam o inconsciente cultural. Nesse ponto, a escritora tenta dar conta de exprimir o irrepresentável do real, a condição dividida do sujeito em lidar com seus desejos, tal como nos sinaliza a psicanálise.

Nessa perspectiva, cada conto da obra aqui analisada é, em si, um fragmento de uma narrativa posicionada como oficial, na qual cada uma busca reinscrever-se. É, justamente, nessa condição de fragmento de dispersas realidades que as narrativas se configuram como memória social e formam uma espécie de mosaico das experiências por encontrar-se com as instâncias afetivas, sociais e metafísicas. Nesse prisma, a narrativa evaristiana rompe com a premissa benjaminiana relativa à pobreza de experiência partilhável e se aproxima do tipo de narrador que o pensador alemão creditava: o narrador que tem algo a dizer.

Seria redundante explicitar o conjunto de elementos que formam a afromemória e os diferentes tipos de violência que a obra de Conceição Evaristo tematiza, porquanto não se desconsidera uma substancial produção crítica que aprofunda tais aspectos. Nesse sentido, a discussão aqui posta tentou mirar para essas dimensões sob outros aspectos, quais sejam, as relações de classe que tocam ou ancoram a racialização e dominação. Igualmente, para o estatuto ontológico da violência como uma força que se desfia na escritura, como forma de, sintomaticamente, realizar-se e mostrar-se como parte da experiência humana.

Assim mesmo, as presentes reflexões buscaram aprofundar a asserção de que a escritura evaristiana estão entre aquelas que contribuem para manter vivas as narrativas de experiência, precisamente, pelo ponto de concretude e efeito de realismo como elementos atravessam cada narrativa. As estruturas de violência e subordinação estão latentes em cada uma delas, razão da memória social transitar em diferentes níveis dos signos e da enunciação: é tanto tema figurativizado na trama, quanto as condições que se apresentam para cada mulher negra colocar-se no devir de sua própria construção. À guisa de conclusão, importa ratificar a memória social na escritura de Conceição

Evaristo como pressuposto ético e, ao mesmo tempo, construtora de uma estética dos afetos, na qual as nuances de violência são denúncia da condição da mulher negra na contemporaneidade, porém uma condição de insubmissão.

Referências

- ACHILLES, Daniele; GONDAR, Jô. A memória sob a perspectiva da experiência. *Revista Morpheus: estudos interdisciplinares em memória social*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 16, p. 174-196, ago./dez. 2016.
- ADORNO, Theodor W. *Teoria Estética*. Trad. Artur Morão. Lisboa, Portugal: Martins Fontes, 1970.
- ANDRÉ, Maria da Consolação. *O ser negro: a construção de subjetividades em afro-brasileiro*. Brasília: LGE Editora, 2008.
- APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Tradução Vera Ribeiro; revisão de tradução Fernando Rosa Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lime Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nicolau Leskov*. In.: _____. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- _____. *O anjo da história*. Organização e tradução de João Barrento. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CORDEIRO, Hildalia Fernandes Cunha; BARBOSA, Júlio César Barbosa. A escrita negra, feminina e lesboafetiva de Conceição Evaristo no conto Isaltina Campo Belo. IV Seminário Enlaçando Sexualidades: direito, relações etnoraciais, educação, trabalho, reprodução, diversidade sexual, comunicação e cultural. *Anais...* Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Salvador, 2015. Disponível em: <<http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2015/07/comunicacaooralhildaliafernandes.pdf>>. Acesso em: 18 Apr. 2019.
- DIAS, Rafaela Kelsen. *Igual a todas, diferente de todas: a re-criação da categoria “mulher” em insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo*. 2015. 131 p. Dissertação (Mestrado - Mestrado em Letras) - Universidade Federal de São João del-Rei.
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. 2 ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- _____. Escrivivências da Afro-Brasildade: história e memória. *Releitura*, Belo Horizonte, v. 1, p. 5-11, 2008.
- _____. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane. (Orgs.) *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Idéia Editora Ltda, 2005. p. 201-212.
- FERREIRA, Amanda Crispim. *Escrivivências, as lembranças afrofemininas como um lugar da memória afro-brasileira*: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães. 2013. 114p. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários), Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.
- GINZBURG, Jaime. *Crítica em tempos de violência*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 2012.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. 2 ed. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

GONDAR, Josaída. Cinco proposições sobre memória social. *Morpheus*, Revista Eletrônica em Ciências Humanas, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, p. 14-40, 2016.

_____. Memória individual, memória coletiva, memória social. *Morpheus*, Revista Eletrônica em Ciências Humanas, Rio de Janeiro, v. 8, n. 13, p. 01-06, 2008.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Tradução Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice; Revista dos Tribunais, 1990.

LACAN, Jacques. *Nomes-do-Pai*. Tradução André Telles; revisão Vera Besset. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LIEBIG, Sueli Meira, “Escrevivências”: Evaristo e a subversão de gênero em Insubmissas Lágrimas de Mulheres. XII Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades – CONAGES, Campina Grande. *Anais...* Campina Grande, Paraíba, 2016. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO_EV053_MDI_SA6_ID571_30042016200422.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2019.

LOPES, Bianca Meira. A força da mulher diante da dominação masculina em alguns contos de Insubmissas Lágrimas de Mulheres, de Conceição Evaristo. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 106-120, jul./dez. 2017.

OLIVA, Osmar Pereira; PEREIRA, Andréa Mendes de Almeida. Identidade e alteridade no conto Maria Imaculada Rosário dos Santos, de Conceição Evaristo. *REVELL*, Campo Grande, v. 03, n. 17, p. 487-503, 2017.

RANCIÈRE, Jacques. *O inconsciente estético*. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed. 34, 2009.

RIBEIRO, Patrícia. Insubmissas lágrimas de mulheres. *Revista Crioula*, São Paulo, n. 11, p. 01-07, 2012.

ROCHA, Gildete Paulo. *Literatura e afrodescendência: a “escrevivência” de Conceição Evaristo em Ponciá Vicêncio*. 2013. 95 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Santa Cruz. Programa de Pós-Graduação em Letras: linguagens e representações, Ilhéus.

RODRIGUES, Nina. Mestiçagem, degenerescência e crime. *Hist. cienc. Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n. 4, p.1151-1180, dez. 2008.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Realismo afetivo: evocar realismo além da representação *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, Brasília, n.39, p. 129-148, jan. /jun. 2012.

SILVA, Denise Almeida. Escrevivências: memória, gênero e narrativa em Insubmissas Lágrimas de Mulheres. In: II Simpósio afrocultura, literatura e educação: minorias, margens, mobilidades, 2012, Frederico Westphalen. *Anais eletrônicos...* Frederico Westphalen: URI, 2012. p. 281-288. Disponível em: <<http://fw.uri.br/mestrado/simposio/anais/anais.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

SOBRINHO, Simone Teodoro. *A violência de gênero como experiência trágica na contemporaneidade: estudo de Insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo*. 2015. 109 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty (1942). *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VIANA, Nildo. Memória e sociedade: uma breve discussão teórica sobre memória social. *Espaço Plural*, Paraná, n. 14, p. 08-10, 2006.

XAVIER, Nara Rúbia Gomes Duarte. Reconstrução identitária na literatura afro-brasileira de Conceição Evaristo. *Travessias Interativas*, São Cristóvão (SE), n. 16, v. 8, p. 230–244, jul.-dez. 2018.